

Fernando Pessoa

FILOSOFIA

FILOSOFIA

Se há um assunto eminentemente filosófico é a classificação das ciências. Pertence à filosofia e a nenhuma outra ciência.

É só no ponto de vista mais genérico que podemos classificar as ciências. Quando a classificação é para um certo fim, quer prático, quer científico, há-de ser necessariamente arbitrária (filosoficamente) e variável com o fim para que é feita. O botânico, o jardineiro precisam cada um deles de uma classificação diferente das plantas.

Há a classificação por diferenciação, por ordem; e a classificação por hierarquia, em que não se trata só de ordem, mas em que as ciências são classificadas de maneira que umas sejam filhas das outras. Assim a classificação mais hierárquica dos animais seria a do darwinismo. Em história natural classificam-se as produções constantes da natureza.

Para classificar as ciências é preciso primeiro procurar um critério ou nas funções intelectuais, na força das faculdades criadoras (produtoras das ciências), ou na própria disposição das criações já feitas. A classificação é subjectiva ou objectiva. Se quiséssemos classificar as artes como já criadas seria diferente de as classificar segundo a imaginação que se assimila coisas externas e se identifica temporariamente com elas.

Uma coisa é classificar coisas já feitas ou de as classificar como se elas fossem para fazer.

Até August Comte as classificações eram subjectivas. [...]

As classificações anteriores a Comte têm um interesse puramente histórico, mas é bastante pois nos mostram as relações que a filosofia teve com as ciências e que teve e continua a ter com a (...) Há, primeiro, a escola platónica e aristotélica. Uma classificação impõe-se não só quando o número de objectos aumenta (...)

Em toda a classificação há um trabalho que podemos chamar trabalho de história natural, e outro de ciência natural. A história natural é puramente descritiva (Botânica e Zoologia), põe por ordem os factos.

Em psicologia, por ex., uma coisa é a história natural da alma outra fazer a ciência da alma. Quando muito pode (¹) mostrar que uns factos nascem de outros.

Se, da ordem exposta se vê alguma coisa quanto [à] génese dos seres vivos (no exemplo mais acima), já deixa de haver história natural. A ciência natural começa onde acaba a história natural.

Todas as classificações anteriores a August Comte são histórias naturais. Há, em primeiro lugar, as escolas platónica e aristotélica.

PERCEPÇÃO

Física

(Física e Psicologia)

Matemática

RAZÃO

Dialéctica

(Analítica =
Lógica formal
Metafísica)

VONTADE

Ética

Praxis Ética
Poiesis Política
Ciência poética
Poética e retórica

Nas três ciências sublinhadas pára a classificação dos platónicos.

Como para Platão as faculdades são 3, razão, percepção e vontade, as ciências também são 3.

Para Platão, física era o estudo da natureza sob qualquer forma. Por percepção os platónicos entendiam não só a percepção exterior mas também a consciência; portanto o estudo da alma entrava na física.

Mas havia para os platónicos uma faculdade mais importante — a razão, faculdade de perceber as relações entre as coisas e de conceber o absoluto.

Para Platão as ideias são as realidades, ou, antes, os modos da realidade. Para ele os conceitos gerais têm a sua verdadeira realidade anteriormente às coisas, ao particular. (*Universale ante rem*).

A ciência que corresponde a esta faculdade é a *dialéctica*.

Mas o homem também tem desejos, impulsos, vontades, etc.

São três funções do espírito, 3 princípios das ciências.

A ciência que corresponde à vontade é a ética. «Ética» tinha, para os gregos, um sentido menos restrito do que tem para nós. Para nós a moral refere-se simplesmente aos actos, às intenções, aos motivos, etc. Para os antigos era mais, não era só os actos com intenção, mas também outra qualidade de actos. A moral (ética) dos antigos tratava também do estado, compreendia o que nós chamamos política. Para os antigos direito e moral entravam na ética. Na «vontade» entrava tudo — impulsos, desejos, etc. A «ética» considerava os actos de vontade do indivíduo como indivíduo e como ser social.

A física grega já dissemos compreendia a física e a psicologia. Os gregos dividiam a astronomia em dois ramos: Eles foram os primeiros que aplicaram à astronomia os cálculos matemáticos. A astronomia era estudada em parte na física, em parte na dialéctica.

Já então havia a noção de lei, e de cálculo matemático. Modernamente a noção de lei é muito mais forte e os nossos cálculos mais exactos. (Se assim não fosse estaríamos seguindo o progresso caranguejo).

A matemática era estudada na física e na dialéctica.

A razão dá lugar à dialéctica. Hoje um dialéctico é um homem que argumenta bem. Para os antigos o dialéctico era um homem que raciocinava bem. (...)

O princípio de causalidade e outros ligados com ele (por ex.: o princípio de substancialidade) só se pode aplicar no campo do real. É do domínio da metafísica. A metafísica é a ciência dos primeiros princípios sem os quais é impossível passar da ciência subjectiva para a (...).

Assim em Hegel temos o desenvolvimento dialéctico do logoV; o logoV segue uma lógica, mas é transcendente.

A razão é a faculdade de perceber o noumenon. Como tal tem um certo número de ideias inatas.

A classificação dos platónicos pára nas 3 ciências: física, dialéctica e ética. O que vai por baixo é o desdobramento dessa classificação feito pelos aristotélicos.

Não é certo dizer-se que a classificação mencionada é feita por Aristóteles e por Platão. Nem P[latão] nem A[ristóteles] fizeram uma classificação das ciências, nem a podiam fazer. A Filosofia, para eles, era o melhor do saber. Assim se a filosofia é todas as ciências, se é o saber, como classificar?

Para Aristóteles há a filosofia (F[ilosofia] primeira, metafísica) e as filosofias (F[ilosofi]as segundas). O que deu origem a chamar-se a isto a classificação de Platão e de Aristóteles foi ser esta a divisão dos livros destes filósofos. Também contribuiu para isto a divisão do trabalho escolar.

Esta classificação é subjectiva e segue um critério de história natural.

A matemática ocupa um lugar equívoco. Para os gregos a matemática era a geometria (a aritmética veio depois). Para prova disto basta notar algumas expressões que se usam ainda hoje na aritmética, por ex., raiz *quadrada*, elevar ao *cubo*. Estas expressões vieram da geometria. Para os gregos a forma vale mais do que o número.

Da matemática um elemento entrava na física, principalmente na física celeste. — [...] Os números eram a maneira de raciocinar sobre figuras.

As regras do silogismo, os princípios da lógica formal, que, como disse Kant, não avançaram desde então, vêm das matemáticas. Aristóteles tirou-as, (está hoje provado), do raciocínio dos geómetras, da lógica das matemáticas. Note-se, também, que, em grego, a palavra *maqesiV* (mathesis) quer dizer ciência. A matemática entrava muito principalmente na metafísica (Dialéctica).

À medida que as ciências aumentam a filosofia vai com elas e recebe o tom da ciência predominante. Ora a filosofia começa a ser cultivada quando a matemática está em grande favor e no seu brilho. Assim era quando Aristóteles fez a sua lógica.

A ética considera o homem como activo, abrange tudo pelo qual o homem actua ou tende a actuar. Platão, não distingue o homem individual e o homem social. Aristóteles é o primeiro a notar que as leis individuais e as leis sociais nem sempre são as mesmas.

Todas as classificações antigas se caracterizam pela sua feição subjectiva. (...)

De todas as classificações, e são muitas, as mais importantes, além da indicada são as de Bacon, Ampère, Comte, Spencer, Wundt. Há muitas mais, como as de Bentham e de Arouet [?], etc.

As classificações dos platónicos e dos aristotélicos incluíam a vontade, faculdade prática. Aqui, em Bacon, desapareceu. Bacon separa a teoria da prática. A classificação das artes fica excluída. Fica a classificação restringida, por um lado,

à actividade intelectual. Temos que classificar ciências e não artes. Domina aqui o *Logos intellectualis*. Há por este lado uma vantagem — a divisão do trabalho. Fica a classificação restringida à parte teórica.

Bacon, se exclui as artes da classificação propriamente dita, não se esquece delas e apende-as no fim. Ele supõe que a cada ciência teórica corresponde uma actividade prática.

Esta classificação é: 1º teórica; 2º subjectivo-objectiva; subjectiva no ponto de partida e nas divisões primordiais, objectiva nas subdivisões. 3º puramente especulativa. As class[ificação]s anteriores partiam de ciências já feitas. Bacon inclui ciências a concluir, a fazer, a criar de novo.

Emprega neologismos a cada passo para designar um conjunto de estudos por constituir, procura fazer uma divisão inteiramente nova.

A Razão parece ser a única coisa que fica da classificação de Platão.

(Ciências — *ex datis* .

» — *ex principiis* .

São para Kant, as segundas, as ciências matemáticas e a filosofia, as primeiras de *factos humanos* e de *factos físicos* — a história natural em todos os seus ramos).

Classificação de Bacon

— Memória

Ciências históricas

História da humanidade

Hist. eclesiástica

Hist. literária

Hist. civil

História natural

— Imaginação — Poesia (Artes B)

— Razão — Filosofia

Teologia natural

Cosmologia

Física

Abstracta

Física

Química

Concreta

Metafísica

Antropologia

Individual

Social

Física

(Fisiologia)

Psicologia

Lógica

Ética

Bacon quis encontrar conexões que não existem entre a história da humanidade e a história natural. (Para os alemães há uma diferença entre a história do mundo e a história da humanidade. Humanidade é um conceito muito abstracto).

O que há aqui de interessante é a distinção entre a filosofia e as ciências de factos, quando até aqui a filosofia compreendia todas as ciências.

A Teologia natural é «o estudo de Deus como ideia revelada».

Antropologia é a razão humana aplicada ao estudo do homem.

Como ideia, Deus fica no mundo das essências e dos possíveis. Para passar daqui para o real é preciso apelar para motivos de imaginação e de sentimento.

Quando quisermos atribuir à ideia de Deus uma realidade, temos que sair do mundo intelectual.

Há certas práticas para as quais a ciência é impotente. O que Kant constatou foi que a ideia de Deus existe. O que não podemos dizer é se a essa ideia corresponde uma realidade ou não, e se uma realidade corresponde, se essa realidade é exactamente como a ideia.

Cosmologia é o estudo do mundo. Pode fazer-se sob 2 pontos de vista: físico (quando procuramos as leis dos fenómenos) e metafísico (quando, conhecendo o fenómeno e as leis queremos passar ao transcendente, do *jainomenon* ao *noumenon*).

Na física há os pontos de vista abstracto e concreto. [...]

A ideia fundamental de matéria e de transformação era a ideia que Bacon ligava à química. Foi uma lembrança genial aproximar a física e a química.

Resta-nos a antropologia. O objecto da filosofia é raciocinar sobre factos e princípios. Pode fazer-se sobre 3 coisas: Deus, o mundo, o homem.

A palavra antropologia emprega-se hoje para designar o estudo do homem natural; é o contrário da sociologia, é uma subdivisão da biologia. No tempo de Bacon esta palavra tinha por significação o estudo do homem sob todo e qualquer aspecto.

Na subdivisão da «antropologia individual» nota-se a palavra «física». Esta palavra tem aqui um sentido diferente do que mais atrás vimos que tinha. Aqui quer dizer fisiologia, *física* do corpo humano.

Lógica e Ética são ciências práticas que correspondem a psicologia como ciência teórica. A psicologia não se subdivide em lógica e ética. À psicologia como ciência natural da alma, correspondem 2 disciplinas práticas (2 artes correlativas), uma que ensina a pensar e outra que ensina a proceder.

Ao estudo do homem sob o ponto de vista social corresponde a disciplina prática — a política.

Trataremos depois das relações entre as ciências e a filosofia.

(¹) Isto é, a psicologia como história natural.

Textos Filosóficos . Vol. II. Fernando Pessoa. (Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho.) Lisboa: Ática, 1968: 155.